

“O Delfim” diz ao Brasil o que há de novo no romance português

A história de O Delfim, o último varão da decadente família Palma Bravo, cujo orgulho só encontra razões no passado, foi o livro escolhido por uma editora carioca para iniciar a sua Coleção Caravelas, através da qual o leitor brasileiro tomará conhecimento do que há de mais novo na literatura portuguesa. O autor é José Cardoso Pires, e o romance, que já está em todas as livrarias, será lançado hoje à noite, durante um coquetel na Livraria Rubayat.

Professor de literatura no King's College de Londres, com seus livros publicados em vários países — O Delfim foi considerado “O Livro do Ano” pela crítica francesa —, José Cardoso Pires, atualmente no Rio, acha muito importante ver seu livro lançado no Brasil, e espera que seja este “mais um elo de conhecimento entre os nossos países”.

— Segundo os catálogos do ensaísmo português eu seria o ponto de rebeldia da chamada “Geração 45” porque vim do neo-realismo e fiz parte do movimento surrealista dos anos 50. Mas a minha passagem pelo surrealismo foi realmente em trânsito, sem grande demora nas alfândegas de Breton e Nadeau. Então fiquei um pouco para cá de minha geração e muito diretamente ligado aos escritores da fase pós-surrealista. Aquêles que depois de mim abandonaram o surrealismo, e os outros revelados posteriormente, quero dizer, nos últimos dez anos.

Ele tem 45 anos. Nasceu em Pêso, província de Beira Baixa, um lugar talvez parecido com a Gafeira, esta vila parada no tempo e que serve de pouso aos personagens de O Delfim. Das matemáticas superiores na Faculdade de Ciências de Lisboa, ao posto de oficial-piloto em um cargueiro, tudo foi para José Cardoso Pires apenas um roteiro que o levaria à literatura, onde ele chegou com o livro Caminheiros e outros contos.

— A novelística portuguesa mais recente está obsessivamente lançada em expressões pessoais, e esse é seu índice mais valioso, acho eu. Trata-se de um país que lê muito ao nível da classe média, e de uma juventude bastante atualizada com a produção internacional. Em consequência, os deslumbramentos em relação aos modelos à la page são coisa ultrapassada. E felizmente que também é coisa ultrapassada o deslumbramento da herança do realismo desde Eça de Queirós a alguns escritores ainda vivos e de boa qualidade mas de estrutura naturalista.

Antes, porém, como diretor literário da Ullisséia, ele criaria “Os Livros das Três Abelhas”, edições de bolso que acabaram bastante popularizadas também no Brasil, e que apresentava autores como Miller, André Kerdros, Horace McCoy, Kafka, Roger Vailland, Norman Mailer e outros.

— Disse uma vez a João Cabral de Melo Neto que dentro em pouco ele seria um hóspede “indesejável” da nossa literatura. É que ele é tão lido e estudado em Portugal que tem por vezes uma influência obsessiva nos poetas jovens. Como aconteceu com Fernando Pessoa, e como acontece com grandes escritores de forte sedução artesanal. Pois João Cabral e Guimarães Rosa, por exemplo, são casos-limite de admiração dos portugueses pela literatura brasileira.

Cardoso Pires também dirigiu o Clube Folio, que publicou pela primeira vez em português peças de Ionesco, Faulkner, Maikovski, Beckett, Osborne e outros. Em 1960, fundou e dirigiu a revista de vanguarda *Almanaque*, uma das publicações de mais prestígio na vida literária portuguesa, de onde saiu o Grupo Almanaque, do qual fizeram parte alguns dos escritores e artistas mais importantes da atualidade portuguesa (O’Neil, Abelaira, João Abel Manta, Pomar e outros).

— De resto, sabemos bastante mais da vossa literatura atual que os brasileiros sabem da nossa. As edições portuguesas de escritores do Brasil são frequentes e vão de Machado de Assis a obras como “O Coronel e o Lobisomen”, “Encontro Marcado”, de Fernando Sabino, a Clarice Lispector, Lígia Fagundes Teles, Olo Lara Rezende, e ainda, Rubem Braga, Odilo Costa Filho ou Antônio Callado. Ela tem sido discutida nos suplementos e nas revistas literárias, onde por exemplo, se analisam com alguma frequência os textos de Haroldo de Campos e dos poetas concretistas.

Em 1963, ele apresentava aos leitores o primeiro romance, *O Hóspede de Job*, atualmente traduzido em vários países da Europa. Preocupado já neste livro com os novos meios de expressividade que alcançaria plenamente em *O Delfim*, Cardoso Pires ganhou com ele o mais importante prêmio literário nacional, o Camilo Castelo Branco, e o Prêmio dos Suplementos Literários.

— Em Portugal não há censura prévia de livros, o que não acontece em relação à imprensa. O que há é o risco da apreensão e o estigma da autocensura. Mas eu penso que um escritor responsável tem o dever e a possibilidade de eliminar este último condicionamento. Pelo que me diz respeito, não aceito essa desculpa: se um livro meu é inferior, a culpa cabe-me inteiramente a mim. Se o autocensurasse, não o publicaria.

Também ensaísta, Cardoso Pires publicou em 1960 a *Cartilha do Mariálva*, estudo sócio-literário em que, partindo das antinomias de duas mentalidades — a rural e a cidadina —, define um arquétipo português que designou por “mariálva”. O termo entrou hoje no vocabulário português, e o livro já atingiu a quinta edição, suscitando vários estudos não só em Portugal como no exterior.

— O cinema é meu grande estimulante. Contribuiu poderosamente para a minha estrutura romanesca. Filmes como “Ano Passado em Marienbad”, de Resnais, “The Chelsea Girl”, de Warhol, ou “Investigação sobre um cidadão acima de qualquer suspeita”, de Petri, são “leituras” valiosíssimas para quem se preocupa com problemas de movimento descritivo em tempo e espaço. Para um escritor, quero eu dizer.

“Acabou-se. Comeram-se uns aos outros, tiveram o fim que mereciam... Agora quem quiser caçar na lagoa já não precisa da autorização do Infante para nada.” E etc. (*O Delfim*, p. 11).



A vez da literatura portuguesa

Consagrado em toda a Europa, detentor de numerosos prêmios, o grande escritor José Cardoso Pires está no Rio para lançar hoje, em tarde de autógrafos, “O Delfim”, romance que em Portugal já vai na sexta edição e que uma editora carioca escolheu para iniciar a Coleção Caravelas, através da qual o leitor brasileiro tomará conhecimento do que há de mais importante na moderna literatura portuguesa. “O Delfim” é o drama do último varão de uma aristocrática e decadente família, cujo orgulho só encontra razões no passado. A crítica européia considerou-o um dos principais romances de 1970. (TEXTO NA PÁGINA DOIS)